



SE 03. Direitos Humanos, dignidade, ativismo e os limites da atuação antropológica

Juliana Gonçalves Melo (Professora adjunta IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) - Coordenador/a, Patrice Schuch (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS) - Coordenador/a, Luis Roberto Cardoso de Oliveira (Universidade de Brasília) - Participante, Lucia Filbaum (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE) - Participante, Marcus André de Souza Cardoso da Silva (PPGEF/UNIFAP) - Participante, Bárbara Gomes Lupetti Baptista (UFF) - Participante, Livia Dias Pinto Vitenti (Universidade de Brasília) - Participante, Taniele Cristina Rui (Unicamp) - Participante, Karina Biondi (UEMA) - Participante, Carolina Barreto Lemos (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)) - Participante

A proposta ? discutir as concepções de Direitos Humanos na contemporaneidade, com ?nfase especial no trabalho do antropólogo e na discussão sobre dilemas vinculados ?s pesquisas sobre o tema. O debate, por sua própria amplitude, ser? dividido em três eixos. Na primeira sessão, pretendemos discutir conceitualmente a noção de Direitos e Direitos Humanos, dando especial atenção aos conceitos de moralidade e dignidade. A proposta ser? tamb?m dialogar com pesquisas etnográficas que priorizam esse debate e revelam a complexidade de aplicar essa concepção em contextos etnográficos onde, entre outros aspectos, a ideia de indivíduo tem menor centralidade, e/ou em cenários marcados por pela violência e onde a dignidade humana ? desrespeitada reiteradamente. Em um segundo momento, a proposta ? focar na discussão sobre o ativismo dos antropólogos, buscando refletir sobre as possibilidades, os limites e os dilemas de pesquisar onde acontecem violações humanitárias graves. A perspectiva ? analisar ainda as possibilidades de atuação e os riscos corridos por antropólogos que ousam denunciar situações de violações e passam a ser ameaçados por isso. Na sessão três, tendo por referência a discussão anterior, objetivamos apresentar um panorama atual dos estudos sobre Direitos Humanos na antropologia brasileira a partir da atuação da Comissão de Direitos Humanos da ABA nos últimos dois anos e avaliação desses contextos.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**